

A LÓGICA DO QUENTE E FRIO: UMA MANIFESTAÇÃO DA MEDICINA POPULAR NUMA ALDEIA DE PESCADORES DO LITORAL SUL DO ESTADO DE SÃO PAULO

Marcos de Souza Queiroz

Entre os temas etnográficos referentes à medicina popular na América Latina, a lógica do "quente e frio" aparece com uma grande recorrência. Trata-se de uma lógica classificatória, produto de um amálgama entre a cultura médica ibérica da época da colonização e de elementos de várias outras culturas, principalmente as indígenas. No entanto, no que se refere ao "quente e frio" propriamente dito, pode-se perceber na maioria desses estudos a sua semelhança com o sistema de medicina hipocrática e, como vários autores sugerem, parece não haver dúvidas quanto ao descarteamento da hipótese de que essas manifestações culturais provenham de uma tradição não ocidental. Daí a constância desse tipo de manifestação ao longo da América Latina, o que tem levado alguns autores a denominá-lo de "síndrome do quente e frio".

Esse fenômeno tem sido estudado principalmente pela antropologia cultural Norte-americana envolvendo territórios do México e de alguns países da América Central e do Sul. O Brasil não tem merecido uma atenção maior para esse tipo de estudo. Somente uns poucos pesquisadores preocuparam-se em investigá-lo e mesmo assim num sentido mais específico. Não obstante a ótima qualidade de alguns trabalhos como os arrolados e comentados por Woortman (1978), eles só resvalam no problema e, mesmo assim, no que se refere a hábitos alimentares, deixando de lado o que consideramos a sua parte principal, ou seja, a medicina. Em outro tipo de abordagem, Fontenelle (1959) não chega a realizar um trabalho propriamente etnográfico e essa problemática não ultrapassa um âmbito superficial.

Este artigo pretende descrever o conjunto de crenças e hábitos populares referentes à lógica do "quente e frio" e explicar algumas de suas peculiaridades dentro do contexto sociológico em que se manifesta. Para isso, tomamos como campo de pesquisa a aldeia de Icapara no município de Iguape no litoral sul do Estado de São Paulo. Trata-se de uma comunidade bastante homogênea de pescadores de aproximadamente 500 habitantes, estabelecida no local por mais de 200 anos.

a. A Lógica do Corpo e da Cura Segundo o Pensamento e a Prática do Caiçara:

Para o caiçara da região de Iguape, toda a doença ou provém de sentimentos negativos oriundos do próprio indivíduo (tristeza, vontade insatisfeita, susto), de outros indivíduos (inveja, mau-olhado, quebranto, feitiço) ou de um desequilíbrio estabelecido com o meio exterior através do consumo de elementos considerados quentes ou frios. Este último modo de interpretar a causa da presença de uma doença refere-se a uma manifestação sintomática no organismo humano e se caracteriza por sua objetividade e independência da pessoa moral e política que habita esse mesmo organismo. Este artigo enfocará este modo de percepção social da doença.

Os tratamentos de doenças considerados provenientes de um desequilíbrio com o meio exterior não se manifestam em Icapara como têm pensado sobre o tema a grande maioria dos autores brasileiros que descreveram a medicina popular como uma curiosidade folclórica sem

uma preocupação analítica, sociológica ou antropológica. Pelo contrário, verifica-se nessa aldeia uma lógica bem elaborada a ordenar a ação de seus habitantes a respeito da natureza em termos de suas propriedades terapêuticas e o corpo humano em termos de anatomia, fisiologia e suas disfunções.

A base dessa construção social repousa na classificação entre elementos considerados quentes ou frescos e na sua atuação terapêutica diferencial sobre o organismo humano. O arranjo desses elementos assim classificados numa autêntica "bricolagem" forma o que Lévi-Strauss (1970) denominara "ciência do concreto" ou uma ciência que, mesmo desprovida de bases, princípios ou métodos bem definidos, pelo simples fato de por elementos em estrutura e de transformar o que antes aparecia como caos em arranjos ordenados, apresenta uma eficácia intrínseca.

Uma das características mais fundamentais desse sistema de pensamento e ação refere-se à sua disponibilidade ao controle de qualquer um que pretenda dominar a sua lógica e operacionalidade. Trata-se de uma instituição democrática onde inexistente a centralização de uma agência especializada encarregada de sua manutenção e difusão.

Há pouco tempo atrás, esse sistema manifestava-se com grande consistência e homogeneidade, aparecendo como o âmbito ao qual o caiçara recorria com muito mais intensidade e frequência do que qualquer outro destinado ao tratamento de suas doenças e males tidos como provenientes de um desequilíbrio com a natureza. De dez anos para cá, esse quadro apresenta-se bastante modificado por causa da introdução na aldeia das influências da medicina erudita de Iguape. A introdução de um sistema previdenciário, que cuida da distribuição de alguns remédios e de consultas médicas gratuitas para o caiçara, coincidiu com a presença mais regular de médicos em Iguape e ambas as circunstâncias consistiram num marco de extrema importância condicionando a aproximação do mundo da aldeia com uma realidade exógena, proveniente da sociedade brasileira mais ampla.

Com isso, esse sistema tradicional desenvolvido dentro da aldeia restringiu-se muito. A presença cada vez mais intensiva da medicina erudita como uma alternativa reconhecida como mais eficaz fragmentou, pelo menos em amplos setores da sociedade da aldeia, a sua homogeneidade sistemática, assim como retirou a unanimidade em sua crença e uso. Com a exceção de algumas pessoas mais idosas e conservadoras, a população em geral absorveu de tal modo a medicina moderna que, hoje em dia, considera-se muito difícil a vida sem ela. Efetivamente, a atribuição da grande diminuição da mortalidade infantil aos serviços prestados pelo hospital e a maior eficácia do controle e do tratamento de uma grande variedade de doenças influenciaram profundamente a mentalidade do habitante do mundo rural da região. Acrescente-se ainda a essa tendência da população periférica em procurar elementos de uma cultura considerada mais poderosa, o fato de que para se implantar na região, o modo de produção capitalista promoveu com violência explícita ou implícita um processo de inculcação de seu "ethos". A través da ação de escolas para crianças ou adultos, do contato com os turistas e das influências difundidas pelas igrejas, principalmente as protestantes, a cultura nativa desarticula-se, enquanto que a proveniente do sistema dominante da sociedade encontra condições para se impor.

Por outro lado, em algumas áreas limitadas, ainda subsistem com certa intensidade alguns elementos da antiga medicina popular, sem mencionar aqui as doenças de cunho social e moral que permanecem com uma vitalidade muito maior face ao processo de expropriação cultural.

Entre as circunstâncias que contribuem para a preservação da medicina tradicional de Icapara, no que se refere às doenças consideradas de causa natural, as condições, ainda precárias, que permitem o acesso aos médicos e aos remédios adquiridos em farmácia são importantes. Normalmente, a consulta médica inclui muitas horas de espera nas filas do consultório e dificilmente ela ultrapassa o nível de uma mera triagem, deixando, em muitas situações, o paciente com suas aflições não resolvidas. Os remédios distribuídos pelo "Posto de Saúde", por sua

vez, não apresentam uma variedade muito grande e, em muitos casos, deve-se adquiri-los em farmácias por um preço nem sempre acessível. Por isso, os remédios e os tratamentos caseiros mostram-se como uma alternativa sempre disponível, principalmente quando a baixa produção pesqueira obriga a comunidade a voltar-se aos seus recursos tradicionais. Principalmente para certas indisposições do fígado, eles ainda são amplamente empregados e, nas doenças crônicas e de difícil tratamento, recorre-se a eles, muitas vezes, como um suplemento ao tratamento médico nem sempre confiável sem restrições.

Atualmente, são poucos os que na aldeia abandonaram totalmente o uso de remédios caseiros assim como os que os empregam exclusivamente. Entre os primeiros (aproximadamente 21% de um total de 123 unidades familiares), muitos fazem questão de dizer que "esse negócio de quente ou fresco ou de erva medicinal não adianta nada". Não se pode confiar totalmente nesse número porque renegar tal tipo de tratamento de doenças com sua conotação humilde e periférica e afirmar recorrer a médicos com exclusividade significa também uma demonstração de um certo "status" e uma manifestação de ideologia e não de realidade.

Uma outra categoria de pessoas, embora ainda conheçam e utilizem remédios caseiros à base de ervas medicinais, principalmente os que se destinam aos casos de indisposições menos graves do organismo humano, esqueceram-se das suas propriedades definidas pela classificação entre os "quentes" ou "frescos". Com isso, o seu uso se assemelha ao de qualquer remédio comprado em farmácia quando se desconhece o fundamento lógico e intelectual que o define como remédio. Aproximadamente 44% das famílias da aldeia encontram-se nessa categoria além dos que ideologicamente revelam não conhecer ou usar ervas medicinais, mas que efetivamente o fazem.

Vinte e sete por cento das famílias do lugar conhecem plenamente a lógica do emprego de ervas medicinais e a sua combinação com outros comportamentos associados à alimentação, higiene e exposição do corpo ao clima, à água e à temperatura ambiente. No entanto, tais conhecimentos e práticas aplicam-se num sentido restrito, principalmente nas doenças consideradas menos graves.

Finalmente, uma minoria de oito por cento das famílias, constituídas na maior parte de pessoas idosas (acima de 50 anos), ainda sustentam inteiramente a ideologia e a prática dessa antiga forma de tratamento de doenças. Em várias ocasiões pudemos ouvir deles uma franca hostilidade dirigida contra os médicos e suas práticas, às vezes violentas e sem consideração à integridade pessoal e cultural do caçara e seus remédios, que muitas vezes "atacam o fígado em vez de fazer bem". Abaixo, temos a transcrição de uma parte de uma entrevista com uma pessoa que representa bem esse caráter conservador:

"Eu cuidei de nove famílias (filhos) e nunca fui procurar médico na cidade. Eles tinham chieira de peito (bronquite) que quase matava, dava ataque e eu curava com purgante, ervas e benzimento. Para chieira de peito uma mulher do Rio Comprido me ensinou a dar café amargo batido com óleo de rícino e sempre fez obra. A maleita dá inflamação no fígado e a pessoa fica empalmada (pálida, fraca). Um bom remédio é chd de semente de bareressô que nem se planta mais hoje em dia. Todos os filhos saravam e nunca levei eles na farmácia. Hoje em dia dizem que não existe mais maleita e quando uma criança está com febre não sabem que febre é, mas eu digo que é a mesma febre da maleita. A maleita sempre volta e o remédio da farmácia não faz obra de nada, só serve para gastar dinheiro.

Eu já tomei remédio de farmácia e não tomo mais faz dez anos. Eu tenho reumatismo que já tinha curado mas como não tive resguardo apanhei aiveza (fraqueza por causa de friagem, cansaço, acanhamento que não deixa uma pessoa trabalhar), fui buscar água na fonte e daí encaranguei (adoeci) de tudo. Quando eu curei o reumatismo eu usava esfregação com broto de ambaíva vermelha socada com sal e frita na cachaça e chá de eucalipto (folha de eucalipto) com

folha de laranja que são muito quentes e bons para suar. Agora o reumatismo dói mas não tomo nada para não acostumar mal o corpo, nem chá nem remédio de farmácia.

Já tive pneumonia, para-tifo e fiquei aburrida de tanto tomar remédio de farmácia porque eu não sabia como curar essas doenças. A pneumonia me deixou entredada muito tempo na cama. Eu fiquei inchada, ressecada e muito desfigurada. Eu ia morrer mesmo. Aí eu disse para minha mãe, eu sei que vou morrer mas faça um purgante bem feito para mim que eu quero morrer com purgante na barriga. Ela fez o remédio com ruibarbo, maná e óleo de rícino. Aí eu melhorei mas a dor de corpo continuava. Então chegou um consulteiro e ele recomendou chá de pinhão com flor de sabugueiro e flor de rosa branca e duas pílulas de quinino cortadas em oito pedaços para tomar um por dia e só assim eu sarei de vez.

Hoje em dia está tudo mudado, quase não se planta mais ervas e as pessoas não querem se amolar de fazer chá. Tratar filho com remédio caseiro dá trabalho e ninguém quer ter isso”.

Nessas duas últimas categorias, encontramos uma grande parte dos teóricos desse sistema de tratamento de doenças de quem a pesquisa mais se nutriu. Entre eles, quando se perguntava se um produto medicinal parecia como quente ou fresco, para que servia, como agia no organismo, etc., na maioria das vezes, a resposta vinha acompanhada de uma explicação coerente e com muita consistência e homogeneidade. Não percebemos qualquer discrepância maior quanto aos critérios de classificação dos alimentos ou dos produtos medicinais mais conhecidos e empregados. O consenso só deixava de aparecer quando os elementos em questão não apresentavam muita aplicação terapêutica e a pouca tradição em seu uso deixava o problema de classificá-los ao sabor de um critério de sensibilidade mais subjetivo.

b. A Lógica da Classificação de Elementos entre “Quente e “Fresco” e a sua Correspondência com a Percepção do Corpo Humano:

As definições que se seguem baseiam-se em entrevistas e num grande número de produtos medicinais e alimentos de acordo com as atribuições e interpretações terapêuticas do habitante da aldeia. No entanto, antes de iniciar a compreensão da estrutura do sistema que sustenta o pensamento e o comportamento tradicionais do habitante de Icapara no tratamento de suas doenças, cabe lembrar que ela só se manifesta inconscientemente. Mesmo os que se inclinam por fazer interpretações mais abstratas, os teóricos da aldeia, não chegam a dar conta de toda a sua amplitude.

A definição do que se considera quente manifesta-se, em primeiro lugar, em tudo o que produz uma ação diaforética no organismo humano conotando o efeito de por para fora ou expelir a doença por meio da pele através do suor e, ao mesmo tempo, reter a “força da pessoa” de eliminação pelo intestino ou vias urinárias. A definição do que se considera fresco, pelo contrário, manifesta-se, em primeiro lugar, em tudo o que produz uma ação diurética ou purgativa no organismo humano conotando o efeito de reter, não deixar sair a “força da pessoa” pela pele e, ao mesmo tempo, de eliminar a doença pelo intestino ou vias urinárias.

Acredita-se que a condição térmica do remédio significa uma variação exterior compatível com a sua qualidade intrínseca. Os “chás” (ervas medicinais em infusão) preparados com elementos quentes em geral são ingeridos com uma temperatura elevada. Os “chás” preparados com elementos frescos, pelo contrário, em geral são ingeridos com uma temperatura normal. Se, no entanto, desejar-se diminuir o efeito do medicamento, então a sua condição térmica pode ser invertida em relação às suas propriedades: remédio quente ingerido com temperatura não elevada ou remédio fresco ingerido em alta temperatura.

Em princípio, desconhece-se em Icapara elementos neutros entre a situação de quente ou fresco porque, em teoria, todos eles apresentam uma polaridade que define a sua atuação mais ou menos intensa no organismo humano. Eventualmente, no entanto, recorre-se à expressão "temperado" para designar um elemento de classificação mais difícil.

No entanto, nem todos os produtos apresentam efeitos diuréticos ou purgativos, de um lado, ou diaforéticos, de outro. Nesse caso, eles classificam-se (principalmente os alimentos) de quente, quando apresentam o sabor salgado, picante e maior valor nutritivo ou de fresco, quando apresentam o sabor doce, azedo, amargo e um menor valor nutritivo. O consumo de alimentos tidos como quentes segundo o caçara, como veremos em tópico posterior, tende a produzir no organismo humano digestão mais difícil, aumento de pressão sanguínea e maior sensação de calor, efeitos que se podem considerar como enfraquecidos da ação diaforética. O consumo de alimentos frescos, por outro lado, tende a produzir reações contrárias a estas ou efeitos enfraquecidos da ação diurética ou purgativa.

Quando o sabor e a correlação de seus efeitos no organismo humano não aparecem com nitidez, o critério classificatório ainda se detém na sensibilidade corporal, porém com a interferência mais forte de fatores de ordem social aproximando a objetividade da subjetividade. Neste caso, recorre-se à vista e ao tato com um peso maior nas suas qualidades simbólicas. Como veremos em tópico posterior, este procedimento ocorre principalmente na classificação de ervas medicinais.

No que se refere às propriedades terapêuticas dos elementos, os quentes manifestam uma ação benéfica nas vias respiratórias, coração e ossos, enquanto que "atacam" os rins, fígado, intestino e cérebro. Os frescos, por outro lado, manifestam uma ação benéfica nesses últimos órgãos e "atacam" os primeiros.

O estômago, os órgãos genitais, o sangue, a pele e os nervos podem exigir tanto remédios quentes como frescos conforme a natureza da doença. Em geral, se essas estruturas apresentarem insuficiências em seu funcionamento por motivo de fraqueza, então, elas exigiriam os quentes. Ao contrário, se o seu distúrbio for motivado por estarem fortes demais (hiperfunção), o remédio deveria ser fresco. Como exemplos da noção do "fraco" temos a palidez da pele, o sangue ralo e descolorido, a impotência sexual, gases estomacais ou intestinais, nervos abalados e a reação de apatia em geral. Como exemplos da noção do "forte" temos a inflamação da pele, sangue grosso e colorido, digestão difícil, nervos "atacados" com reação de violência, derrame cerebral, enfarte do coração e furor sexual.

Em relação a essa classificação sensitiva do alimento e de medicamentos, o corpo humano classifica-se também a si mesmo. Considerando que o cérebro representa a cabeça; as vias respiratórias, o tórax; o aparelho digestivo, o abdômen e, finalmente, os ossos, os membros, é possível correlacionar essas diferentes partes dentro da seguinte estrutura: a cabeça aparece como suscetível negativamente aos elementos quentes e, nesse sentido opõe-se ao tórax que se mostra suscetível negativamente aos elementos frescos. O tórax, por sua vez, opõe-se, de acordo com o mesmo princípio, ao abdômen e este, da mesma forma, aos membros. Existe, portanto, na relação estabelecida com a natureza, uma compatibilidade entre cabeça e abdômen e entre tórax e membros e uma relação negativa entre estes dois conjuntos.

A correlação existente entre cabeça e abdômen e entre tórax e membros quanto à suscetibilidade à ação de elementos quentes ou frescos desdobra-se também na orientação que ela presta ao diagnóstico e tratamento de doenças. Se, por exemplo, um indivíduo sente dor de cabeça, um diagnóstico e tratamento muito plausível encontra-se em considerá-la como consequência do mau funcionamento do intestino e daí a necessidade da ingestão de remédios frescos apropriados para este órgão. Se, por outro lado, um indivíduo estiver com seu coração fraco, um bom tratamento consiste em aquecer os membros com "esfregação" (linimento rubefaciente) com álcool. Num sentido de oposição, constata-se também que os remédios destinados ao

conjunto formado pelo abdômen e cabeça invariavelmente "atacam" ou causam algum dano ao conjunto formado pelo peito e membros e vice-versa.

Esta classificação do corpo humano aparece como mais complexa do que a interessante análise empreendida por Novión (1976) na região de Brasília. Neste caso, o corpo humano é percebido como composto fundamentalmente de duas partes indivisíveis e antagônicas, a cabeça (fria) de um lado e o corpo propriamente dito (quente), de outro. Uma série de doenças explica-se a partir da interferência de uma parte na outra, ou seja, o sangue quente do corpo na cabeça ou o frio da cabeça no corpo. Em certas circunstâncias esse tipo de oposição também ocorre em Icapara, mas num sentido bem limitado. Talvez as doenças de fundo emocional encontrem-se próximas de serem explicadas como consequência do frio da cabeça no corpo ou o calor do corpo na cabeça.

De acordo com Novión, na cidade satélite de Sobradinho, o sexo feminino é classificado como quente e o masculino como frio justamente porque no primeiro, ao contrário do segundo, o corpo e o coração devem predominar sobre o cérebro. Em Icapara, ao contrário, o quente invariavelmente associa-se ao forte, "carregado", sanguíneo e, conseqüentemente, ao sexo masculino. A mulher, portanto, é considerada fria e recolhida e a extroversão muito intensa de seus sentimentos pode significar uma anormalidade e uma descaracterização de sua feminilidade. Este aspecto simbólico que expressa a classificação da mulher como fria e do homem como quente aparece principalmente dentro do conjunto de crenças em doenças produzidas pela moral social e sua regulamentação política, como é o caso das doenças provenientes do "mau-olhado" ou feitiço.

c. A Noção de Anatomia e Fisiologia, suas Disfunções e Tratamentos de Acordo com o Pensamento e a Prática do Caiçara:

Se alguém em Icapara amanhece mal-humorado, com dor de cabeça ou tensão nervosa, a probabilidade de se diagnosticar estas indisposições como conseqüências de problemas hepáticos aparece como muito grande. O mesmo ocorre com inúmeras outras doenças mais graves como problemas cardíacos em geral, inclusive o enfarte, pressão sanguínea alta e derrame cerebral. Outros sintomas de problemas oriundos do fígado, manifestam-se em erupções e inflamações cutâneas em geral, além, evidentemente, da maioria dos problemas digestivos. Para prevenir e tratar tais disfunções, o caiçara recorre com muita intensidade às ervas medicinais "frescas" adequadas, além de evitar alimentos "quentes".

A grande importância conferida ao fígado também se mostra presente no sistema de classificação do corpo e dos produtos ingeridos por ele. Um modo simplificado de explicar a classificação de produtos entre os quentes e os frescos, consiste simplesmente em tomar este órgão como ponto de referência. Definem-se como quente todos os elementos que o sobrecarregam e como fresco os que o preservam. O antibiótico, por exemplo, de introdução relativamente recente na aldeia, foi classificado por alguns como quente porque "ataca" o fígado.

Para compreender o motivo de se atribuir a uma disfunção desse órgão um número tão grande de males e a sua importância relativa aos demais órgãos, devemos primeiro incorrer na fisiologia, anatomia e nutrição do organismo humano conforme a concepção do caiçara. Para isso, não só o fígado mas também o sangue aparece como um elemento de extrema importância e a relação entre ambos com o processo nutritivo, além do papel desempenhado pelo pulmão, informa o cerne dessa concepção.

A principal função hepática consiste em fornecer ao sangue uma nutrição adequada e, segundo o caiçara, ele "retira a sujeira que existe nos alimentos quentes". Para alguns, a parte nociva (sujeira) dos alimentos, que existe principalmente nos que se consideram quentes, chama-se "reima", embora essa denominação não se generalize entre a população. Para todos, no

entanto, tal tipo de alimento apresenta uma parte boa destinada ao fortalecimento e nutrição do organismo e uma parte ruim que se não for eliminada pelo fígado, prejudicará o sangue e, com ele, todo o organismo. Os elementos quentes, portanto, caracterizam-se por uma atuação ambígua, apresentando, ao mesmo tempo, a capacidade de nutrir e intoxicar. Para o caçara, qualquer ação venenosa decorre invariavelmente de um elemento muito quente que atacaria todo o organismo depois de danificar o fígado.

Por outro lado, os elementos frescos, embora poupem o trabalho do fígado e, muitas vezes, auxiliem-no na "limpeza do intestino e do sangue", não contam com muito valor nutritivo e, quando apresentam efeitos purgativos e diuréticos, chegam a enfraquecer o sangue. As interpretações nesse sentido apresentam alguma variação e alguns dizem que o efeito purgativo e diurético só chegaria a eliminar a sujeira (ou a reima) dos alimentos quentes. Outros, no entanto, afirmam que a eliminação não distingue uma coisa de outra, ocorrendo, portanto, o enfraquecimento. De qualquer modo, verifica-se um consenso a respeito da incompatibilidade entre a natureza do órgão e as exigências nutritivas do organismo.

Uma disfunção hepática, portanto, deixaria de depurar o alimento quente acarretando "sujeira ou engrossamento do sangue". As conseqüências desse estado manifestar-se-iam primeiro no próprio aparelho digestivo através de indisposições estomacais e "prisão de ventre" (constipação intestinal). Em seguida, o "sangue sujo ou grosso" provocaria perturbações de toda ordem no organismo e diversos estados patológicos.

Sob o comando do fígado, trabalham os demais órgãos do aparelho digestivo. Individualmente, no entanto, eles apresentam algumas áreas de autonomia. O estômago ou o intestino, por exemplo, numa situação excepcional, exigem remédios quentes, ou seja, quando apresentam gases, um sintoma atribuído à friagem. Esta, por sua vez, também poderia ser proveniente da fome ou da ausência do calor dos alimentos, principalmente os quentes. Diz-se, também, que os produtos azedados transformar-se-iam, no estômago, numa espécie de caloria negativa que produziria os gases que só seriam expelidos com o auxílio de remédios quentes apropriados apesar deles não se mostrarem bons para o aparelho digestivo em geral.

O intestino e os rins recebem uma influência muito próxima do fígado e muitas vezes os remédios para eles mostram-se comuns. No entanto, no caso de "bichas" (vermes intestinais), da mesma forma que os gases, os remédios apropriados para expulsá-los devem ser os "quentes".

O pulmão aparece como um outro órgão de extrema importância na concepção do caçara. Também em relação a ele os produtos consumidos pelo homem classificam-se entre os quentes e os frescos e, nesse sentido, observa-se uma situação inversa da que ocorre com o fígado. O pulmão não se dá bem com o frio em termos de temperatura ou de qualidade dos produtos ingeridos e os remédios para ele devem, invariavelmente, manifestar-se como quentes. Diz-se que quando um indivíduo se alimenta à base de produtos frescos e se ele não apresentar uma constituição forte, o perigo mais imediato para a sua saúde encontra-se em seu pulmão ressentir-se disso.

A principal função desse órgão aparece como um eliminador das impurezas do sangue e quando este se encontra muito fraco, o pulmão também se esfria e por isso adoce, deixando de realizar o seu trabalho de "filtro". O mesmo ocorre quando ele recebe "friagem" na forma de temperatura (de água ou do clima), nesse caso, numa operação direta e sem a intermediação do sangue. Em conseqüência disso, o tratamento destinado a esse órgão consiste em aquecê-lo, fortificar o sangue e ajudar a eliminação de suas impurezas pelo suor, poupando assim o seu trabalho. Para isso, é necessário um regime à base de alimentos quentes, de "suadores" (remédios de ação diaforética) e o uso de agasalho e resguardo de friagem.

O tratamento para as disfunções cerebrais (loucura, segundo o caçara), do coração e dos nervos apresenta poucas alternativas além dos remédios destinados ao sangue. De todos os produtos medicinais verificados na aldeia, encontramos apenas um destinado aos nervos, outro ao

coração e nenhum ao cérebro. Assim mesmo, tratam-se de paliativos não muito eficazes para qualquer mal maior. Se a doença não provier das condições sanguíneas, o caíçara geralmente afirma que não sabe como tratá-la.

A doença que se atribui aos ossos e que 61% da população adulta diz apresentar, denomina-se reumatismo. Um médico de Iguape desmentiu a veracidade desse diagnóstico e atribuiu as dores articulares e ao longo dos membros ao resultado de focos infecciosos como, por exemplo, dentes estragados há longo tempo. O caíçara, no entanto, considera que essas dores se devem ao excesso de exposição do corpo à friagem. Os homens, enquanto pescam, passam longo tempo com os pés sob a água e as mulheres, ao lavar roupa no rio ou ao cuidar da roça de madrugada no inverno, não se resguardam devidamente. Nesse aspecto, a medicina tem encontrado uma interpretação e uma solução muito pobre para as suas reclamações. Por esse motivo, trata-se de uma doença em cuja área convergem uma grande parte das suas preocupações e para ela existe um número muito grande de produtos medicinais populares. Ainda assim, recorre-se com muita frequência à ajuda dos "curandeiros espiritistas" ou agentes especializados em doenças produzidas por sentimentos negativos próprios ou dos outros (doenças de fundo social). Isto porque os conhecimentos acumulados pelo mundo da aldeia ou os correspondentes provenientes da medicina erudita mostram-se ineficazes para o caíçara.

Para a comunidade, além do "reumatismo de osso", existe um outro, o qual se julga oriundo do "sangue sujo" denominado por alguns de "sífilis" e, por outros, de "reumatismo de sangue". O primeiro, manifestar-se-ia por dores ósseas e articulares causadas pelo excesso de friagem e o seu tratamento exige remédios quentes ("chás e "esfregação"). O segundo, manifestar-se-ia por inchaço dos membros inferiores causado por "sangue grosso" e pede remédios frescos ("chás").

A pele manifesta-se como um receptáculo dos problemas internos do organismo, principalmente os provenientes do sangue e também externos através da ação de micróbios ou várias espécies de machucaduras. Para o tratamento de doenças internas com repercussões na pele, acredita-se que a aplicação no local atingido (banhos ou cataplasmas) apresenta alguma eficácia, mas só o tratamento interno surtiria um efeito definitivo já que a maior parte desse tipo de sintoma tem a ver com o "sangue sujo". Nesse caso, o tratamento consistiria de produtos frescos ingeridos para o sangue e quentes aplicados na ferida "para ajudar a por pra fora a infecção". Também necessitam de remédios quentes tanto a picada de inseto como as lesões causadas por batida ou machucadura porque "eles não deixam a infecção entrar no corpo".

Como regra, todas as doenças infecciosas do organismo exigem elementos quentes e as que se manifestam na pele como o sarampo, catapora, irizipela, obedecem a essa norma. Todas as inflamações, por sua vez, são tratadas com elementos frescos e isso vale tanto para a pele como para os órgãos internos ou do sentido.

Para avaliar a dinâmica do emprego de produtos medicinais e sua relação com o organismo, recorreremos a um exemplo de um indivíduo necessitar de medicamentos quentes e sofrer ao mesmo tempo dos rins ou fígado. Nesse caso, o tratamento para um tipo de doença manifestar-se-ia como um agravante para o outro. Se esse problema for levantado para o caíçara, a sua lógica intuitiva certamente sugeriria atenuantes para o remédio quente de modo que ele mantenha em parte as suas propriedades e a sua característica de provocar calor e não "atacar" tanto o aparelho digestivo. A uma erva medicinal muito quente como a flor de sabugueiro, por exemplo, adiciona-se à sua infusão a flor de malva branca e, com isso, acredita-se que o chá, embora um pouco mais fraco, não prejudique partes do organismo enquanto beneficie outras.

d. A Noção de Quente e Fresco Aplicado aos Alimentos:

Até agora, tratamos da noção de quente e fresco aplicado em geral aos produtos ingeri-

dos e sua atuação terapêutica no organismo humano. Nesse tópico, vamos discorrer mais particularmente sobre a alimentação, a sua função nutritiva e terapêutica e o controle a que é submetida de acordo com certos estados somáticos.

Como relação à classificação de ervas medicinais, a de alimentos aparece muito mais problemática. A grande maioria das primeiras, apresentam uma atuação definida e localizada no organismo, permitindo com isso a sua classificação a partir do efeito que produzem. Os aspectos simbólicos (cor, forma, sexo), nesse caso, só aparecem como uma referência dentro de um plano muito secundário. Longe de constituir um critério classificatório, eles apenas servem como hipóteses que norteiam uma investigação. Quanto aos alimentos, a maioria deles não apresenta um efeito nítido e localizado no organismo e, por esse motivo, definir as suas qualidades obedece a critérios menos seguros, dando margem a um grau de divergência muito maior.

Em duas circunstâncias, no entanto, os seus efeitos são reconhecidos sem maiores discrepâncias interpretativas. Trata-se, de um lado, dos alimentos considerados muito quentes ou "carregados", e de outro, os muitos frescos. Os primeiros apresentam com nitidez a maioria dos sintomas próprios dos elementos quentes, ou seja, maior valor nutritivo, digestão mais difícil, maior sensação de calor, aumento da pressão sanguínea e tendência a atacar o fígado. As pessoas que apresentam qualquer distúrbio relacionado a esse órgão se privam de seu consumo antes de qualquer outro elemento. Por outro lado, na fase de recuperação de certas doenças, os anêmicos e as pessoas fracas em geral, procuram se alimentar à base deles para se fortalecerem.

Os alimentos considerados muito quentes se constituem da carne de porco, de certos peixes e da maioria da carne de caça. De um modo geral, consideram-se os animais não domesticados como muito mais quentes do que os domesticados (um critério onde talvez entrem parâmetros culturais além dos sintomáticos). Entre os peixes, destacam-se o cação, a raia, a caranha, a caratinga, a manjuba, a miraguaia e a tintureira. Entre a carne de caça, temos o quati, a capivara, o tatu, o macaco, o cateto, o veado, a queixada, a paca, o tamanduá e a cutia.

Entre os elementos considerados simplesmente como quentes, alguns não encerram maiores dúvidas ou variações interpretativas. Entre eles, temos os que apresentam um sabor picante como o alho, a cebola, o repolho, o rabanete, o agrião, a pimenta, o nabo e o pimentão. Elementos como o café, o gergelim e o amendoim, os feijões e entre as frutas, a manga, o abacate e o cajamanga também não apresentam maiores problemas nesse sentido pois eles são considerados fortes e tendem a atacar o fígado. Em muitos alimentos, no entanto, os sintomas esperados dos produtos quentes ou frescos em geral não aparecem com clareza e o problema de classificá-los recai numa esfera onde os critérios se mostram enfraquecidos, provocando com isso, divergências.

De um modo geral, a classificação continua a ser feita tendo por base apenas uma das condições próprias dos elementos quentes, ou seja, a que diz respeito ao seu maior valor nutritivo. Este critério, no entanto, aparece muitas vezes num sentido relativo e com referências pouco nítidas ao corpo humano. Alguns consideram, por exemplo, a chicória ou o espinafre como quentes tendo em vista apenas a sua relação com produtos similares mais frescos como a alface e o almeirão. Muitos classificam a carne de galinha como quente numa oposição à carne de frango (fresca) e o mesmo ocorre com o cará e a batata roxa em relação à batata inglesa, do milho em relação ao trigo ou do arroz e a banana maçã ou ouro em relação à banana prata ou nanica. Esse tipo de classificação, no entanto, dá margens a muitas divergências. Por exemplo, pode-se considerar, sem erro interpretativo, todas as verduras melhor situadas como frescas já que nenhuma delas se adapta muito bem às características dos elementos quentes ou ainda que toda ave doméstica se caracteriza como fresca em comparação às aves selvagens consideradas como quentes.

Alguns alimentos apresentam ainda efeitos nítidos e localizados, porém contraditórios, confundindo ainda mais o critério de classificação de alimentos para o caçara. Tal é o caso da

laranja e do limão, frutas ácidas que em princípio se definem como frescas. Contudo, dois fatores concorrem para posicioná-las entre as quentes. Em primeiro lugar, elas opõem-se à laranja lima e à lima-da-pérsia, produtos tidos como muito mais frescos. Além disso, o grau de ambigüidade dessas frutas ainda se manifesta no fato delas servirem para doenças do pulmão (tosses, gripes, etc.) que não poderiam exigir outros remédios que os quentes. O critério para classificar o abacaxi, também apresenta divergências na medida em que se trata de uma fruta ácida mas que, segundo alguns, pode atacar o estômago. Com respeito a muitos outros alimentos, os critérios que norteiam a definição entre as qualidades quente ou fresco, aparecem de um modo muito subjetivo como o fato de alguém apresentar problemas para digerir um ou outro produto e classificá-lo tendo em vista essa circunstância. Uma outra saída para o impasse representado pelos alimentos de difícil classificação consiste em defini-los como neutros ou "temperados", se bem que essa categoria não existe dentro do sistema construído pelo caçara.

Entre os alimentos considerados muito frescos, temos, num plano absoluto, todos os que apresentam ação purgativa ou diurética, efeitos que, segundo o caçara, existem na abóbora, no inhame e no chuchu. Os demais alimentos, classificados simplesmente como frescos, consistem daqueles que, apesar de não apresentarem efeitos muito nítidos e localizados no organismo humano, consideram-se de menor valor nutritivo em relação a outros do mesmo tipo. Os produtos só podem ser comparados com similares (frutas com frutas, carnes com carnes, verduras com verduras, etc.) e, dentro de cada tipo de alimento, a classificação faz-se confrontando-se os mais nutritivos (quentes) com os menos nutritivos (frescos).

Consideram-se frescos certos peixes como a pescada branca, o robalo, a betera, o poá, a pejeroba, o robalinho, o bagre bandeira, a carne de vaca, a de frango e a de anta. Entre as hortaliças, temos a abóbora, a alface, o chuchu, o almeirão, assim como os seguintes produtos, a batata inglesa, a mandioca, o arroz, o trigo, a araruta, o palmito e o açúcar. Finalmente, entre as frutas, encontram-se a pitanga, a jabuticaba, a murta, a uva, a carambola, o guaná, o mamão, a laranja lima, a lima da pérsia, a maçã e a pêra.

De um modo geral, não se percebe um esforço do caçara em equilibrar a alimentação. Come-se normalmente pelo hábito e tanto a tradição cultural como as condições do relacionamento da sociedade com o mundo circundante constituem os fatores que determinam o prato de cada dia e não uma regra consciente que os equilibre de acordo com uma idéia de preservação de saúde. O controle e a restrição alimentar aparecem mais freqüentemente em ocasiões consideradas anormais ou transitórias. Elas ocorrem, por exemplo, entre as crianças de tenra idade, entre as mulheres menstruadas ou grávidas, entre os doentes ou convalescentes. As crianças pequenas alimentam-se basicamente de banana nanica ou prata e "papas" de farinha de mandioca e a elas evita-se dar alimentos quentes "porque o seu fígado e intestino são ainda muito fracos". As mulheres grávidas evitam os alimentos muito quentes porque eles podem fazer abortar e, na época da menstruação, elas se abstêm dos muito frescos porque "friagem" no útero neste período pode recolher o sangue e se ele vai para a cabeça, dá ataque". Após o parto, trata-se a mulher como entre os convalescentes, ou seja, à base de alimentos quentes para fortalecer o organismo. Neste caso, a canja de galinha é usada intensivamente.

O resguardo quanto à exposição do corpo ao calor e ao frio aparece com uma intensidade maior do que nas circunstâncias anteriores e vale tanto para as situações consideradas anormais e transitórias descritas acima como também preventivamente para as situações normais. No caso de doença, pós-parto e menstruação, não se toma banho e procura-se agasalhar bem o corpo para que ele não apanhe qualquer espécie de friagem. Expor o organismo a contraste extremo na direção do quente para o frio é considerado altamente perigoso mesmo se o indivíduo dispuser de boa saúde. Não se toma banho após as refeições pesadas e acredita-se que se alguém, depois de ingerir remédios muito quentes ("suadores"), tomar friagem, então a doença "se recolherá",

ou seja, não virá à tona, permanecendo "embutida" no organismo, o que poderia levar o indivíduo à morte.

e. A Noção de Quente e Fresco Aplicado aos Medicamentos:

Em comparação com os alimentos, a classificação de plantas medicinais entre as quentes ou frescas aparece com um grau de definição muito mais sólida e isto se deve à nitidez com que a maioria delas manifestam seus efeitos no organismo humano. Quando isso não ocorre, no entanto, elas se definem como quentes se apresentarem características simbolicamente associadas ao calor. As cores preta, vermelha ou amarela são percebidas como quentes desde que seu efeito sensível no organismo não contradiga esses indícios. O mesmo ocorre com relação ao sexo masculino atribuído ao vegetal e o elemento mais rude e pesado. Em princípio, a flor em geral define-se como fresco, com exceções como a flor de sabugueiro ou a flor de mamão macho.

Por outro lado, a cor branca ou de tonalidade fraca, o sabor amargo, azedo e doce, o sexo feminino atribuído ao vegetal, o elemento leve e frágil associam-se simbolicamente ao frio e, assim, classificam-se desde que não apresentem uma atuação contraditória no organismo.

No entanto, em regra, quanto mais o critério classificatório se afasta da sensibilidade corporal através dos efeitos nele produzidos, mais difícil se torna a verificação de um consenso. Nesse caso, um elemento pode estar sujeito a uma certa classificação pela cor ou a uma outra pela sua forma sem que exista um critério mais sofisticado que os hierarquize.

Acredita-se, em teoria, que todos os elementos quentes se não produzem um efeito diaforético, contêm uma tendência nesse sentido. O mesmo ocorre com os elementos frescos se não produzem um efeito diurético ou purgativo. Portanto, classificar pela forma, pela cor ou por qualquer outro atributo que não remeta necessariamente a esses efeitos, não apresenta outra finalidade que a de formular uma hipótese nesse sentido que pode ser desmentida por sua ação contraditória no organismo. Um produto como a flor de sabugueiro, de cor esbranquiçada, por exemplo, seria considerada hipoteticamente como fresca mas que a experiência sensível desmente por apresentar um efeito diaforético.

Baseado principalmente nos efeitos produzidos no organismo e secundariamente em símbolos socialmente bem definidos, a classificação de plantas medicinais não oferece muita margem para interpretações divergentes e o conhecimento de seu emprego para disfunções orgânicas apresenta uma homogeneidade muito grande. Temos coletados um número de 147 produtos medicinais de acordo com as informações prestadas pelo caixara de Icapara (ver a esse respeito, Queiroz, 1978). Dentre esse número, 135 constituem-se de plantas e, evidentemente, nem todas são conhecidas pela maioria dos informantes que ainda preservam os conhecimentos e as práticas dessa forma de medicina. A grosso modo, pode-se dizer que 40% do total desses produtos constituem um saber comum com uma margem praticamente nula de divergências. Em 30% dos casos entre as categorias populacionais que preservam esse corpo de conhecimentos, conhecia-se o produto, mas havia dúvidas quanto às suas propriedades ou às doenças a que se destinavam. Nos 30% restantes, as suas propriedades terapêuticas só eram conhecidas por uma minoria.

A comparação dessa lista com um dicionário de plantas medicinais brasileiras de caráter mais popular do que científico (Carvalho, 1972) revela que 68% dos vegetais extraídos de informantes de Icapara constam nessa obra com o mesmo nome. Quanto aos outros 32%, trata-se ou de plantas consideradas medicinais só regionalmente ou de nomenclatura diferente. Entre os elementos cujos nomes constam no dicionário, em 31% dos casos não há coincidência entre os respectivos atributos terapêuticos das plantas. No restante (69%), ocorre coincidência em pelo menos uma das atribuições apontadas pelo livro.

No entanto, existem pelo menos duas diferenças fundamentais entre o saber popular e o

publicado pelo livro. Em primeiro lugar, a caracterização de um elemento entre as qualidades quente ou fresco só existe entre o saber da comunidade. De acordo com o livro, os efeitos diaforéticos ou diuréticos aparecem em apenas algumas plantas e não são necessariamente exclusivas. Uma mesma planta pode apresentar um efeito diurético e sudorífero ao mesmo tempo como, por exemplo, o sapé em infusão. A necessária oposição entre quente e fresco para o sistema de Icapara, não permite a constatação de tal fato. No caso, o sapé é considerado apenas fresco e a sua ação diaforética não aparece no reconhecimento social. A outra diferença consiste em que para o livro, ao contrário do que ocorre em Icapara, cada planta apresenta eficácia para muitos tipos de doenças. Entre os muitos sintomas a que se destina, por exemplo, a batata-de-purga, temos cólicas intestinais, diarreias, gastro-enterite, inflamação do fígado, catarro pulmonar, dores reumáticas e sarampo com erupção difícil de romper. Como se percebe, um mesmo remédio age como quente (sarampo, dores reumáticas, catarro pulmonar) e como fresco (inflamação do fígado, gastro-enterite, diarreia). Em Icapara, considera-se esse medicamento como fresco e só serve para "sangue grosso". Isso ocorre com todos os demais produtos medicinais com uma regularidade impressionante. Entre os informantes, poderiam ocorrer divergências quanto à propriedade de um medicamento mas nunca uma em que a integridade do sistema pudesse aparecer ameaçada.

Explicar as diferenças entre os conhecimentos divulgados pelo dicionário e os da aldeia aparece como um empreendimento muito mais difícil do que explicar as semelhanças. Neste último caso, os fatos podem ser interpretados sob uma perspectiva muito mais ampla tendo como fundamentação a própria história da medicina no Brasil.

Segundo os caiçaras, os seus conhecimentos de medicina provieram indiretamente dos indígenas através de seus pais e avós e esta revelação corresponde em parte à realidade dos fatos. A influência da medicina indígena, principalmente no que concerne às plantas medicinais, foi de importância fundamental não só para a medicina popular de Icapara como a de todo o Brasil ou América Latina. No entanto, esse conhecimento não proveio só diretamente dos Índios, mas sofreu também várias mediações proporcionadas por uma reelaboração erudita primeiro pelos jesuítas e, depois, pela divulgação de um grande número de obras sobre produtos medicinais brasileiros influenciados pela ciência mais avançada do tempo, mas realizadas em linguagem popular.

Por outro lado, recorrer à história para explicar as diferenças, ou seja, ao que é específico a Icapara aparece com uma dificuldade bem maior. No entanto, é possível relacionar os aspectos peculiares do conjunto de conhecimentos empregados pela comunidade a certos acontecimentos e circunstâncias sociais e culturais. Em primeiro lugar, devemos ter em conta o fato de nunca se ter desenvolvido na aldeia uma instituição especializada em tratamentos de doenças "naturais" ou encarregados de preservar os conhecimentos médicos, aplicá-los e desenvolvê-los.

Por uma vocação cultural, cada família preferia saber e utilizar privadamente os seus próprios tratamentos de doenças. No entanto, a consolidação desse corpo de conhecimentos aparecia de uma forma difusa e pública e era absorvida a partir das raras visitas aos "curandeiros da cidade" (farmacêuticos) ou aos "curandeiros do mato" (homeopatas e fitoterapeutas) que proporcionavam novos conhecimentos que eram acrescentados aos consagrados pela tradição. Só a partir de 1950, despontou um curandeiro dentro da aldeia socialmente reconhecido pelo fato excepcional de saber ler e escrever e de se interessar pelos folhetos médicos em voga. De início, ele utilizava ervas e homeopatia mas o seu imenso prestígio só se concretizou a partir do seu emprego de remédios químicos alopáticos, principalmente o antibiótico. Trata-se de um fenômeno relativamente recente que se insere dentro de um quadro de desarticulação da sociedade e da cultura tradicionais.

Tratando as suas próprias doenças, as famílias da aldeia também cuidavam para que os seus conhecimentos não se perdessem e, nesse sentido, a transmissão pública de informações

aparecia como um fato corriqueiro. Atualmente, nas freqüentes conversas sobre doenças e remédios, a troca de informações faz-se muito mais em relação aos produtos que tal médico receitou ou deixou de receitar em função de uma determinada doença. Há dez anos atrás, no entanto, o assunto referia-se predominantemente aos vegetais medicinais e seus usos. Estes, provenientes em sua maior parte da difusão do saber indígena e posteriormente da divulgação de uma literatura popular absorvida principalmente pelos "curandeiros", tiveram que ser colocados sob uma organização sistemática que ajudasse a manter e a pensar a grande quantidade de informação que representava. A estruturação desses elementos fez-se à custa da complexidade que envolve as propriedades terapêuticas de cada vegetal.

Para o pensamento tradicional de Icapara sobre saúde e doença, cada planta se mostra adequada ao tratamento de poucos tipos de doenças e sempre condicionada à sua qualidade quente ou fresca enquanto que para a classificação do dicionário, esse número aparece bem maior. Associando cada vegetal a poucos sintomas, mesmo à custo da perda de sua diversidade terapêutica, foi um meio cultural encontrado para memorizar uma grande quantidade de produtos medicinais. Para o caiçara, existe uma tendência a se encontrar para cada dificuldade, uma única fórmula que se considera o único antídoto eficaz. Isso ocorre nas simpatias, nas orações dos benzimentos, nos feitiços e nos contra-feitiços, além dos tratamentos de doenças.

A medicina popular de Icapara utiliza como medicamento principalmente os vegetais, mas também se recorre a alguns elementos químicos como a cânfora, o álcool ou os produtos da antiga medicina das farmácias como purgantes ou xaropes, além de produtos de origem animal como a banha de porco, de lagarto ou galinha. Em comparação com outros contextos brasileiros, o uso de excretos como medicamento não aparece com muita intensidade. Não obstante, a urina humana (quente) emprega-se para problemas de pele e a cera de ouvido (quente), para dor de dente. As fezes de cachorro (quente) são ingeridas torradas para casos de sarampo e as fezes humanas (quente), para picadas de cobra. A esse respeito, a interessantíssima análise empreendida pelo grande escritor Mário de Andrade (1972) deve ser mencionada, pois a realidade encontrada em Icapara confirma-se em muitos aspectos.

Mário de Andrade observa que o uso de excretos como medicamento manifesta-se universalmente e quase sempre se presta à cura de doenças da pele ou da superfície do corpo (picadas de cobra, dor de dente, espinhos encravados na pele, etc.). Ele sugere uma analogia com o adubo que revitaliza o solo, pois se os excretos são doadores de vida a terras doentes, serão naturalmente doadores de vida a homens doentes. Por outro lado, a aversão aos excretos também se manifestaria universalmente e isto dividiria os sentimentos humanos em relação a eles entre os pólos da atração e da repulsa. Esse aspecto ter-se-ia adaptado ainda à ética cristã medieval que fundiu esses sentimentos antagônicos num só elemento purgatorial contendo ao mesmo tempo a ação terapêutica e o sacrifício que alguém seria obrigado a cometer para obter o benefício da cura.

f. Conclusão:

A medicina popular não se manifestava antes como um legado caótico de várias tradições como têm pensado muitos autores. Pelo contrário, como vimos, subjaz a ela uma lógica e uma teoria bastante complexa construída a partir de várias influências, inclusive, com um peso bastante acentuado, a medicina erudita mais antiga, e reproduzida de acordo com as condições de vida social da aldeia. Atualmente, poucos dominam completamente essa lógica e o momento na região assiste ao rápido processo de perda e alienação culturais, isto porque o caiçara não domina a lógica terapêutica dos medicamentos químicos e as tentativas de impor a estes o seu próprio pensamento não passam de manifestações muito tímidas e sujeitas ao controle exercido

pelos médicos (só eles distribuem gratuitamente os remédios que julgam necessários para um doente).

A cidade de Iguape só experimentou a presença de médicos com mais regularidade desde 1969. A partir deste tempo, alguns benefícios sociais chegaram ao caiçara como o atendimento médico gratuito através do "Fundo Rural". Atualmente, existe um hospital em operação e três médicos cuidam da saúde de 22000 habitantes estimados para o município. No entanto, apesar da ainda precária estrutura de atendimento de saúde, a sua influência nos hábitos populares foi enorme, acompanhando a desarticulação da antiga sociedade tradicional pela introdução de um modo de produção capitalista a operar na região.

Para se entender a fragilidade desse sistema de crenças e práticas populares mais tradicionais diante da atuação de uma medicina moderna, devemos ter em conta que ambos são considerados alternativas de natureza similar, ou seja, atuam dentro de um mesmo campo perceptivo das causas disfuncionais do organismo humano. Isto não ocorre, como observamos em outra parte (Queiroz, 1978), com a crença em doenças consideradas provenientes de distúrbios morais e cujo sentido remete às relações sociais internas ao mundo da aldeia (doenças causadas por feitiço, "mau-olhado", "quebranto", susto, etc.). Neste âmbito, a ideologia e a prática da medicina oficial moderna não dispõe de nada similar para oferecer ao caiçara e isto explica a sua vitalidade face ao processo de inculcação de uma nova mentalidade que acompanha a expansão capitalista no interior da região.

A história da medicina no Brasil informa-nos que por um longo período de tempo a medicina científica e a popular conviveram relativamente próximas e chegaram inclusive a se influenciar uma à outra. A medicina popular tradicional influenciou pesquisas em universidades principalmente no que se refere às ervas medicinais nativas; as divulgações posteriores destas, reelaborando em bases científicas estes conhecimentos, influenciou, por sua vez, o comportamento popular (ver a esse respeito, Santos Filho, 1947).

Com o desenvolvimento da complexidade da ciência médica e com a intensificação do uso de medicamentos químicos, o intercâmbio que havia entre o pensamento popular e o científico sofreu uma ruptura: os conhecimentos populares deixaram de apresentar interesse à ciência médica e a lógica desta passou a ser inacessível à compreensão popular. Atualmente, a medicina moderna é inculcada nas classes populares como um valor superior e, como ela, apresenta em muitos casos uma reconhecida eficácia, isto faz com que a sua imposição se realize em detrimento da medicina tradicional. Aos poucos, este tipo de saber vai aparecendo aos olhos populares como algo primitivo e fora de moda, sendo, por isso, abandonada e esquecida, pelo menos na sua base teórica. É verdade que a maioria da população de Icapara ainda emprega medicamentos tradicionais mas o faz agora, como ocorre com os medicamentos químicos, sem o domínio intelectual da sua lógica terapêutica. Ao abandonar ou desacreditar a sua antiga tecnologia para tratamento de doenças, o caiçara, pelo fato de não controlar intelectualmente ou socialmente a nova, fica culturalmente ainda mais empobrecido.

Bibliografia Citada:

- ANDRADE, Mário de - Namoros com a Medicina. São Paulo, Martins, 1972.
 CARVALHO, A. R. - A Cura pelas Plantas. São Paulo, Folco Masercci, 1972.
 LEVI-STRAUSS, C. - O Pensamento Selvagem. São Paulo, Ed. Nacional - U.S.P., 1970.
 NOVIÓN, M. A. I. - Anatomia-Fisiologia Popular e Alimentação na Mulher e no Binômio Mãe-Filho. Brasília, Mimeo - UnB, 1976.
 QUEIROZ, M. S. - Representações de Doenças e Instituições de Cura numa Aldeia de Pescadores. Campinas, Mimeo - Unicamp, 1978.
 SANTOS FILHO, L. C. - História da Medicina no Brasil. São Paulo, Brasiliense, U.S.P., 1947.
 WOORTMAN, A. A. W. K. - Hábitos e Ideologias Alimentares em Grupos Sociais de Baixa Renda. Brasília, 1978, Série Antropologia nº 20.